

O MENINO QUE QUERIA SER SANTO¹

Helio RONYVON²

Frank ALEIXO³

Maria Ângela PAVAN⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este trabalho detém-se a mostrar o processo de construção do roteiro de ficção do curta-metragem “O menino que queria ser santo”, frisando a importância desse tipo de prática na tentativa de experimentação da linguagem audiovisual e desenvolvimento da capacidade criativa. A partir das influências da literatura de Gabriel García Marquez e na polidez técnica de Marcos Rey, como recursos metodológicos, tem-se uma tentativa de construir um roteiro baseado na observação do comportamento do homem comum e de sua fé.

PALAVRAS-CHAVE: ficção; comportamento; observação; fé.

INTRODUÇÃO

O seguinte *paper* descreve as características e etapas envolvidas no processo de construção do roteiro do curta-metragem de ficção “O menino que queria ser santo” como proposta de vídeo para a disciplina Linguagem Jornalística para Rádio e Televisão no semestre 2011.1, feito sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ângela Pavan.

As principais referências que contribuíram no desenvolvimento da história e a forma que ela se configura vieram de Gabriel García Marquez, José de Souza Martins e Marcos Rey, enfocando o processo de produção em grupo, a importância da preservação da memória do homem comum e a liberdade na divisão do roteiro sem esquematizações e delimitações temporais tão fechadas como às dos roteiros hollywoodianos. Os eventos se desenvolvem de forma menos programada e mais natural, numa linha cronológica de acontecimentos com tempo próprio e não previamente estabelecido.

¹ Trabalho submetido ao XIV Prêmio Expocom 2012, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro.

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, email: helioronyvon@hotmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, email: frank_aleixo@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: gelpavan@gmail.com.

“O menino que queria ser santo” é uma construção fictícia baseada nos primeiros vinte anos de vida de Inácio Magalhães de Sena, o qual co-escreveu o roteiro. Nessa história, Joaquim, o personagem principal, perde seu pai ainda na infância e, devido às necessidades financeiras, passa a vender balas na feira do interior onde mora, até o dia em que coloca na cabeça que quer ser um santo. Para atender às suas vontades, toda a cidade o ajuda a ir tentar a vida religiosa em um seminário, lá, ele consegue perceber que não há lugar certo para a bondade e que a santidade está dentro de nós e em qualquer lugar.

2 OBJETIVO

Roteiro desenvolvido para a disciplina Linguagem Jornalística para Rádio e Televisão no período 2011.1 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte com o intuito de servir como nota da 3º unidade. Construído a partir da orientação da docente Maria Ângela Pavan que propiciou os conhecimentos técnicos e advertiu sobre as adequações necessárias à feitura e formatação deste roteiro.

A produção do curta-metragem, além de ser critério de avaliação dos alunos, objetiva inseri-los no contexto da produção audiovisual, indispensável em seu desenvolvimento acadêmico, enfocando a escrita de roteiros de ficção como forma de permitir uma compreensão total deste tipo de linguagem.

Além do mais, esse roteiro integra um processo de criação documental a cerca da vida de Inácio Magalhães de Sena, senhor que aos setenta e três anos de idade, já assistiu a mais de vinte e cinco mil filmes, tendo, dessa forma, um grande conhecimento a cerca do cinema, porém sem nunca ter produzido nenhum trabalho cinematográfico. Por meio desse roteiro, co-escrito por ele, pretende-se inseri-lo no contexto de produção audiovisual, levando-o a por as mãos na parte técnica do cinema, a qual ele nunca teve acesso.

Por meio dessa história, o espectador pode refletir sobre seus anseios e sobre a busca de um divino que muitos aprisionam em templos, mas que nos arroteia seja onde estejamos.

3 JUSTIFICATIVA

O roteiro em questão foi produzido com o intuito de desenvolver o processo criativo da construção literária dentro do universo audiovisual, visto que habitualmente têm-se na esfera universitária o uso excessivo dos gêneros documental e jornalístico. Isso ocorre devido às facilidades técnicas, basicamente constituídas no uso da história oral e das entrevistas e se dão, principalmente, pela carência de recursos que permitam a viabilidade de realização de projetos ficcionais por causa de toda demanda envolvida em seu processo de produção, no qual o roteiro é apenas o primeiro passo. E através desse roteiro, pretende-se produzir algo híbrido que envolva tanto o registro documental, quanto a produção ficcional.

Ao debruçar-nos sobre a ficção temos a oportunidade de trabalhar a capacidade criativa, resgatando referências pré-existentes na memória, além de projetar perspectivas na invenção de uma realidade nova. Por mais que esse roteiro seja baseado nas memórias de Inácio, ele é recheado de referências fantásticas e metáforas que fogem ao real, influência direta de Garcia Marquez.

“Se não existem invenções ou descobertas, só recordações, o criar torna-se com efeito um admirável exercício da memória. Um incansável esforço do lembrar.

Esta hipótese seria apenas curiosa se não fosse também verdadeira. Pois um dos efeitos mais perturbadores do ato de criar é aquele que nos dá a sensação de que não estamos descobrindo nada de novo, somente resgatando algo esquecido.” (COMPARATO in MARQUEZ, 2004, p.9)

A partir do exercício da escrita e das possibilidades contidas nela, justifica-se o roteiro de “O menino que queria ser santo” como uma tentativa de mostrar resquícios presentes na memória individual, sob um viés mágico dos anseios extraordinários dos homens comuns.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A elaboração do roteiro deu-se após o surgimento da ideia central: um garoto religioso. Posteriormente, houve a necessidade de definição de um recorte mais criativo e mais específico diante das várias possibilidades que circundam esse tema referencial. Tal recorte é: um menino que não apenas gostaria de se tornar padre, mas que tinha a intenção de ser santificado.

Após definido o foco, surgiu a necessidade de escrever a forma que essa trama se daria, constituindo um roteiro básico para dar suporte ao desenvolvimento de uma maior complexidade a ser inserida nessa história.

Todo o processo ocorreu a partir de discussões e construções de ideias de modo coletivo entre os autores. Trabalhamos na linha seguida por Gabriel García Marquez em *Como Contar um Conto*, onde cada um cria histórias básicas a serem discutidas em grupo e transformadas em roteiros para TV respeitando, obviamente, a ideia original.

Inicialmente, foi feita uma série de entrevistas com Inácio Magalhães a fim de captar a memória da sua infância e juventude em Ceará-mirim, para em cima desses pontos, criar-se um misto de memória, nostalgia e fantasia.

Walter Benjamin, em seu texto “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, disserta sobre a experiência de narrar, acreditando que apenas aquele ser com grande vivência, tanto no que se refere a conhecimento de mundo, quanto ao seu autoconhecimento, pode ser considerado um bom narrador. Para justificar isso, ele afirma que a voz da experiência é incontestável e elabora o perfil de dois tipos de narradores que para ele são a base para qualquer outro: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário.

“A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presente esses dois grupos. ‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (...) um é exemplificado pelo camponês sedentário e outro pelo marinheiro comerciante.” (BENJAMIN, 1936).

A criação da história não é apenas escolha de um ponto de vista sobre determinado fato ou fenômeno, ela consiste na criação dos personagens abordando o contexto de suas personalidades e as relações sociais presentes em seu meio. A forma de interação entre eles também deve ser considerada nesse momento, além de ser imprescindível a localização espacial deles ao longo da narrativa.

Essa caracterização delimita as ações dos personagens, baseadas nas suas particularidades enquanto indivíduo e é essencial na criação dos eventos a acontecer, pois eles devem coadunar com as características psicológicas.

Para Syd Field, “personagem é ação”, ele é a ferramenta que age diante dos acontecimentos que o autor o coloca. Essa ação deriva dos aspectos ligados às questões interiores (biografia do personagem, ou seja, tudo que ele já vivenciou até ali) e exteriores (relação do personagem com seu campo de ação).

“The best way to do this is to separate your characters' lives into three basic components—their professional life, their personal life, and their private life. These areas of your characters' lives can be dramatized over the course of the screenplay.” (FIELD, 2005, p. 51)

Depois de definido o tema, personagens, personalidades e ambientes, chegou a hora de desenvolver o roteiro baseado nesse suporte e como eles co-existiriam na construção da realidade retratada, devendo haver coerência entre essas relações psicossociais e o objetivo envolvido no argumento principal do roteiro. Sendo assim, “dizem que a melhor forma de se encontrar uma agulha num palheiro é sentando-se nele. Se sentir a picada, encontrou a agulha. Nada vem do nada. E muito menos as ideias, produtos de três vertentes: vivência, leitura e imaginação” (REY, 1997). Essas três características são fundamentais para a produção de personagens críveis, por mais que extraordinários.

Estando pronto o roteiro, é a vez de fazerem-se leituras e releituras, analisando todas as cenas procurando identificar e se há uma lógica entre elas, de forma a evitar falhas de continuidade ou no sentido, na significação que pode ser atribuída ao se interpretar a história.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final é um roteiro de um curta-metragem de ficção de 13 páginas, o qual não segue o cálculo de Syd Field de um minuto em média por página, pois devido algumas sequências serem inspiradas no cinema produzido por Wong Kar-wai, o seu desenvolvimento é mais lento e segue um ritmo próprio que contrasta com o resto do roteiro.

Essas sequências influenciam por filmes como *In the mood for love*, de Kar-wai, são *Set Pieces*, ou seja, sequências que funcionam em qualquer momento cronológico da produção cinematográfica, uma vez que não contribui necessariamente para o seu

encaminhamento temporal, mas preenche as lacunas emocionais através da sensibilidade e intenção ideológico do roteirista e diretor.

Em *O menino que queria ser santo*, existem três *set pieces*, sendo eles as sequências doze e vinte e um e vinte e três. Na primeira, Joaquim, o protagonista, baila uma valsa solitária na calçada da igreja, um misto de profano e sagrado através da inocência juvenil que não se dá conta da completude de seus atos. A segunda é composta por cenas de contraste entre a opressão do seminário e à fartura colorida de Ceará-mirim. E a última é um momento de revelação, no qual o personagem Pedro veste-se de freira, assumindo seu real papel dentro do seminário. As cargas emotivas desses *set pieces* determinam o clima de três momentos fundamentais do curta, primeiramente a tentativa de levar o espectador a perceber a falta de vocação de Joaquim à santificação, por segundo, o sentimento de clausura, de prisão que foi estar em lugar por demais etéreo e, finalmente, a quebra de exteriores e a percepção do que habita dentro do outro.

“Os *set pieces* (...) são, na verdade, auto-suficientes, experiências solitárias. Eles podem ou não acrescentar ao progresso da narrativa. Eles podem ou não ajudar na construção da narrativa”.

Outro aspecto interessante no roteiro de *o Menino que queria ser santo* é a presença de três personagens inspirados nas três parcas mitológicas. A fim de compor uma narrativa influenciada pelas bagagens pessoais dos roteiristas, os quais têm íntima relação intelectual com os estudos dessas figuras, três personagens foram criados com o intuito de guiarem à distância os caminhos de Joaquim, aparecendo de forma secundária durante os momentos mais importantes de sua vida: a morte de seu pai, o objetivo de ser santo e, por fim, respaldam o seu retorno ao âmbito familiar, ao seu lugar de origem.

As principais referências que contribuíram em sua confecção vieram das obras de Gabriel García Marquez, José de Souza Martins, Aristóteles e Marcos Rey, cujas leituras influenciaram no desenvolvimento da história, além de orientar-nos sobre como deve ser feita a caracterização de personagens, a ambientação e a liberdade na delimitação temporal dos eventos na trama.

A ideia não era apenas criar um roteiro de ficção, mas poder trabalhar com o resgate e registro da memória daquele que Martins chama de homem simples, fugindo do realismo exacerbado e aplicando elementos fantasiosos à história de vida do típico cidadão brasileiro.

O roteiro conta a história de Joaquim, filho único que perde o pai ainda na infância, e, para ajudar a mãe no sustento da casa, vende balas nas ruas do interior onde mora. Nessa infância e juventude passadas na rua, torna-se amigo de todos, de prostitutas a coronéis. Em um dado momento, coloca na cabeça que quer tornar-se santo e com a ajuda das pessoas da cidade, ingressa em um seminário, no qual passa pouco tempo e consegue perceber que o sua ideia de santo era outra. A bondade e o respeito pelo próximo estão em qualquer lugar e não é necessariamente uma vida obrigatoriamente regrada em uma instituição religiosa que vai beatificá-lo.

Dessa forma, abando o seminário e volta para o convívio dos seus entes queridos, ainda vai ser santo, mas será um santo livre.

6 CONSIDERAÇÕES

Quanto mais histórias contamos, mais ainda teremos o que contar. A criação do roteiro de ficção nos dá toda essa brecha e abre imensas possibilidades de exploração e desenvolvimento da capacidade criativa de cada um, mesmo que isso se manifeste em textos simplórios.

Esse tipo de produção permite o rebuscamento de referências na memória e se agrega às novas vivências constituídas a partir das experiências pessoais e visões de mundo de quem escreve. Essa prática, para ser melhorada, deve ser rotineira e só com o tempo é que se configura como expressão sublime de uma linguagem fidedigna à personalidade do seu autor, tornando-o reconhecível a partir de suas palavras.

Tentamos, ao máximo, desenvolver essas características ao longo do roteiro, mas conscientes da incipiência devido à pouca prática. Desde o início, buscamos construir uma narrativa capaz de trazer sutilezas inerentes ao seres humanos, abordando-as através dos pensamentos ímpares e a personalidade observadora do protagonista.

Esperamos ter atingido atributos mínimos de um bom roteiro e que a história demonstre um nexos compreensível para quem a lê. Pretendemos futuramente concretizá-la através de sua filmagem, transcrevendo a lógica do texto para o universo da imagem em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São. Paulo: Brasiliense, 1993

COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

FIELD, Syd. **Screenplay: the foundations of screenwriting**. New York: Delta, 4 ed., 2005.

MARQUEZ, Gabriel García. **Me alugo para sonhar**. Niterói: Casa Jorge Editorial, 4 ed., 2004.

MARQUEZ, Gabriel García. **Como Contar um Conto**. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 3 ed., 1997.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: a construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.

REY, Marcos. **O Roteirista Profissional: Televisão e Cinema**. São Paulo: ática, 1997.